



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

Lygia Maria Oliveira Vaz

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DIALETOS DA LÍNGUA NINAM

BRASÍLIA

2021

Lygia Maria Oliveira Vaz

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DIALETOS DA LÍNGUA NINAM

Trabalho de Conclusão de Curso da licenciatura
em Letras português e respectiva literatura da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Costa Chacon.

BRASÍLIA

2021

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DIALETOS DA LÍNGUA NINAM

Lygia Maria Oliveira Vaz ¹

Orientador: Dr. Thiago Costa Chacon

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a variação fonética e lexical da língua Ninam, de modo a apontar diferenças e semelhanças entre seus dialetos. Essa análise é feita com base nos pressupostos teóricos da dialetologia e linguística histórico-comparativa, e no desenvolvimento metodológico da Análise Contrastiva (AC). O Ninam possui três grandes dialetos: o do Norte, o Ninam Central e o do Sul. Para tal, tivemos dois corpora: o dicionário Ninam, de Ernesto Migliazza, nos quais foram coletadas cerca de 742 palavras com um total em torno de 4.242; e o segundo *corpus* foi construído a partir de palavras coletadas da mais recente pesquisa das Línguas Yanomami no Brasil, do Instituto Socioambiental (ISA).

Palavras-chave: Língua Ninam; dialetologia; linguística histórico-comparativa; família Yanomami.

ABSTRACT

The present work aims to analyze phonetic and lexical variation in the Ninam language, in order to identify differences and similarities between its dialects. This analysis is based on the theoretical assumptions of historical-comparative dialectology and linguistics, and on the methodological development of Contrastive Analysis (CA). Ninam has three major dialects: the North, the Central Ninam and the South. To this end, we had two corpora: Ernesto Migliazza's Ninam dictionary, in which around 742 words were collected with around 4,242; and the second corpus was built from words collected from the most recent survey of the Yanomami Languages in Brazil by the Instituto Socioambiental (ISA).

Keywords: Ninam language; dialectology; historical-comparative linguistics; Yanomami family.

1. INTRODUÇÃO

¹ Este trabalho foi desenvolvido como requisito para aprovação na disciplina Projeto de Curso (código LIP0156) do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura do Instituto de Letras (IL/UNB), sob a orientação do professor Dr. Thiago Costa Chacon.

Este artigo tem por objetivo principal apresentar um estudo comparativo dos dialetos da Língua Ninam, pertencente à família linguística Yanomami, que, no contexto brasileiro, é falada especialmente no estado de Roraima, ao norte do Rio Amazonas. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), a língua Ninam, com cerca de 1.700 falantes, é a quarta língua da família Yanomami mais falada no Brasil. O Ninam possui três dialetos: o do Norte, falado pelos grupos que vivem nas regiões de Saúba e Ericó, próximo ao Rio Uraricaá, bem como no rio Parágua, na Venezuela; o Ninam Central, falado pelos que vivem na região de Uraricoera, próxima ao rio homônimo e o Ninam do Sul, falado pelos Yanomami que vivem às margens do Rio Mucajaí nas regiões de Baixo Mucajaí e Alto Mucajaí.

Além disso, este trabalho pretende realizar um breve panorama acerca da importância das pesquisas no âmbito da sociolinguística que ajudem a evitar o desaparecimento das mais de 170 línguas indígenas faladas no Brasil, assim como também levantar questões relativas aos direitos fundamentais desses povos. Como explica Rodrigues (1986), os linguistas brasileiros têm uma enorme missão, não deixar que tanto patrimônio humanitário se perca, pois embora as línguas sejam diferentes, elas compartilham da mesma habilidade de se comunicar, em plena expressão individual e social.

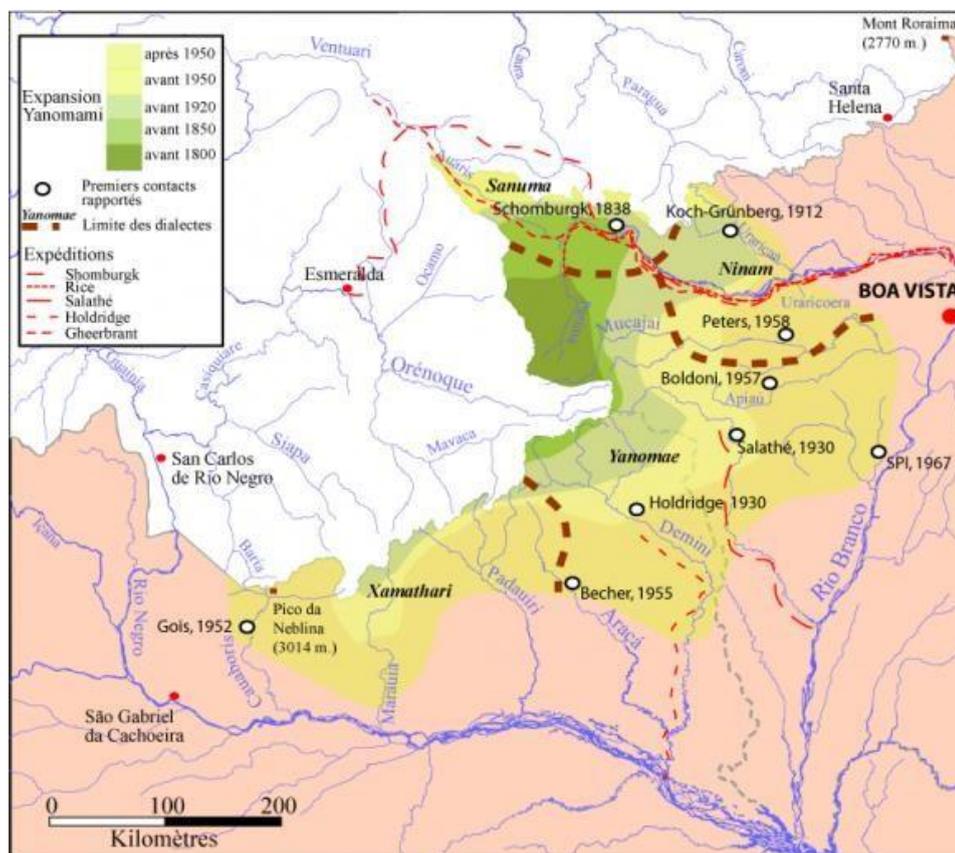
Tais discussões sinalizam a necessidade de políticas públicas no desenvolvimento mais concreto da documentação, preservação e revitalização das línguas indígenas brasileiras. Conforme Rodrigues (2016, p.187), “embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue: nele são aprendidas como línguas maternas cerca de 200 línguas indígenas”. Nesse contexto, os resultados deste estudo pretendem contribuir tanto no conhecimento dos processos de diferenciação de dialetos da língua quanto nos desdobramentos associados à história do povo Ninam.

2. LOCALIZAÇÃO E BREVE HISTÓRICO DO POVO NINAM

Os Ninam hoje ocupam toda a porção leste da Terra Indígena Yanomami, ao norte do Brasil, no estado de Roraima. Eles se reconhecem e são reconhecidos como parte do coletivo Yanomami, que é um dos maiores conjunto de povos indígenas da América do Sul. De acordo com Tainah Leite (2016), os Ninam são o subgrupo menos numeroso, contabilizando uma população de 1.700 habitantes, divididos em três regiões: os Ninam do Norte vivem ao longo do Rio Uraricaá nas regiões de Saúba e Ericó; os Ninam centrais, que vivem na região do

Uraricoera, próxima ao rio homônimo, e os Ninam do Sul às margens do Rio Mucajaí, nas regiões de Baixo Mucajaí e Alto Mucajaí. Conforme a Figura 1.

Figura 1- localização das Terras Indígenas Yanomami



Fonte: René Somain (2011)

Tudo indica, portanto, que os grandes deslocamentos do povo Yanomami, na porção brasileira de seu território, construíram a diversidade linguística que conhecemos hoje na família Yanomami. Bruce Albert (1999), afirma que por não possuírem afinidade genética, antropométrica ou linguística entre os povos vizinhos, como os Ye'kuana e Maku de língua Karíb, há uma hipótese que os Yanomami seriam descendentes de um antigo grupo indígena (proto-Yanomami) instalado há vários séculos nas Terras Altas do interflúvio Orinoco-Rio Negro. Nessa região, teriam permanecido isolados das sociedades vizinhas por um longo período, mas em determinado momento o grupo teria iniciado movimentos migratórios, em sua maior parte, nos séculos XIX e XX, numa expansão territorial que favoreceu sua diversidade linguística e cultural.

Segundo o ISA (Instituto Socioambiental), os antigos Yanomami teriam ocupado as terras próximas das cabeceiras do Orinoco e a Serra Parima², há cerca de um milênio, e daí em diante tal movimento seria, então, o principal fator para surgimento das línguas atuais. Dessa forma, é natural supor que os movimentos migratórios teriam contribuído para a diversidade linguística nos diferentes grupos Yanomami. De acordo com o ISA, eles derivam de três grandes movimentos migratórios: o primeiro, após a saída da Serra Parima, o grupo Ninam teriam migrado em direção norte, passando a viver próximo ao Rio Awaris, estabelecendo assim relações de troca com os Ye'kwana, ao final do século XIX, mas as relações eram ora amistosas ora conflituosas.

Em seu trabalho, Tainah Leite (2016) explica que o resultado desse contato foi significativo na incorporação de alguns elementos culturais que os distinguem dos demais Yanomami, como: saiotos de palha de inajá; alguns instrumentos de sopro (utilizados na cerimônias funerárias); a mandioca, como principal cultivo e suas técnicas de processamento, enquanto em outros grupos Yanomami o cultivo principal era a banana; a fabricação e o manejo de canoas. O segundo movimento ocorreu devido aos intensos conflitos com os Ye'kwana, o grupo decide seguir em direção sul, mais estritamente no ponto em que o Rio Awaris encontra o Rio Uraricoera. (ISA 2019)

Porém, por volta de 1910, com o aumento dos conflitos internos, ou seja, entre os próprios Ninam, parte do grupo se separa e desce o Rio Uraricoera até o seu encontro com o Uraricaá. Assim, surgiu o terceiro movimento migratório, de acordo com o ISA (2019):

Nos anos seguintes, os Ninam do Uraricaá foram se deslocando em direção ao Parágua, na Venezuela, e nesse processo foram incorporando indivíduos de outros povos que habitavam a região, como os Uruak, Maku, Marakana e Sapé, que devido a epidemias e conflitos foram sendo reduzidos a poucas famílias e indivíduos. (p.80)

Os Ninam do Alto Uraricoera experimentaram conflitos, durante as décadas de 1930 e 1940, com outros povos que habitavam o mesmo rio. De acordo com o ISA, os conflitos eram entre os Maku e depois uma série de conflitos com os Ye'kwana, mas considerando a seriedade desses últimos, obrigaram os Ninam a se afastarem do Uraricoera e migrarem em direção ao Mucajaí, onde permaneceram em relativo isolamento até o início dos anos 1950. Conforme Tainah Leite (2018), outro marco histórico que influenciou as migrações foram as missões

² De acordo com o ISA (Instituto Socioambiental), a Serra Parima é localizada no divisor de águas entre o Rio Parima à esquerda (no Brasil) e os Rios Ocamo e Orinoquito (Venezuela).

evangélicas. Houve duas missões distintas entre os Ninam: uma missão evangélica da UFM³ no Rio Mucajaí, e outra missão batista no Rio Uraricaá. Como afirma o ISA, as missões influenciaram a história desses grupos, pois foi a partir das missões que eles tiveram o contato com os não indígenas, logo, aprofundando cada vez mais a sua relação com a sociedade externa. Isso significou uma mudança ou uma espécie de parada/desaceleração nos movimentos migratórios. Pois, diante desse contexto, o grupo Ninam, falante da variante do Norte, segundo o ISA, faz parte dos primeiros movimentos migratórios no início do século XX, que viviam no alto Rio Uraricaá, e formaram comunidades que hoje estão nas regiões de Saúba e Ericó.

Parte deles cruzaram a fronteira do Brasil e formou uma comunidade próximo ao Rio Parágua na Venezuela. Todavia, os Ninam do Sul e o Ninam Central foram os grupos que se fixaram ao Rio Uraricoera, mas o primeiro seguiu em direção às regiões que atualmente são: Baixo Mucajaí e Alto Mucajaí. O Ninam Central permaneceu próximo ao Uraricoera. Segundo o ISA (2019), a diferença, entre os dois dialetos, é que a variante Central é falada de forma mais rápida do que a do Sul e muitas palavras soam como que cortadas no final.

Por fim, tendo em mente tais fatores históricos, a situação sociolinguística dos Ninam, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Instituto Socioambiental (ISA), é semelhante aos demais grupos da família Yanomami, ou seja, convém reconhecer a diversidade linguística da Terra Indígena Yanomami, muito embora as línguas desse grupo sejam extremamente aparentadas, como explica Rodrigues (1986, p.89).

Assim, ainda que haja um diagnóstico positivo a respeito da vitalidade de cada idioma, levando em consideração a transmissão intergeracional, o número de falantes e o uso da língua, a família Yanomami segue com poucos falantes, tornando-se vulnerável a diferentes impactos, como conflitos armados, epidemias, invasões, garimpo ilegal, dentre outros, conforme ISA (2019). Dessa forma, as línguas com maior contato externo, seja por relações de fronteiras, ou contato com outras etnias, são as que correm maiores riscos. No caso da família Yanomami, de acordo com o ISA, as três línguas com mais ameaças, devido a fatores sociodemográficos, são: Ỹaroamẽ, Ninam e Yãnoma.

Segundo Chacon (2017), nas principais comunidades Ninam, no Brasil, de Saúba e Ericó, existe uma escola de ensino fundamental (anos iniciais), um Polo Base de Saúde e uma pista de

3 A Unevangelized Fields Mission (UFM), atual MEVA, foi criada em 1931 com o objetivo de evangelizar povos de todo o mundo.

pouso, porém, para evitar as ameaças que a língua sofre, apesar de encontrar boa vitalidade sendo transmitida às novas gerações, a educação tem sido a principal fonte de demanda por parte de professores do povo Ninam. Pois, a escola indígena necessita de investimento, como: um espaço social adequado, telefones celulares, computadores e rede de internet.

3. METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa, embora dados quantitativos tenham sido organizados para os devidos resultados. Para comparar os dialetos Ninam utilizamos dois corpora. Os dialetos do Norte e do Sul foram sistematicamente comparados a partir de palavras do dicionário Ninam, de Ernesto Migliazza, nos quais foram coletadas cerca de 742 palavras de um total em torno de 4.242; e o segundo *corpus* foi construído a partir de palavras coletadas da mais recente pesquisa das Línguas Yanomami no Brasil, do Instituto Socioambiental (ISA), de onde selecionamos 17 palavras para cada dialeto.

Para a seleção das palavras, consideramos a leitura total do dicionário de Ernesto Migliazza, pois está organizado na forma língua Ninam e tradução inglês-português, e não o inverso, o que nos obrigou a leitura completa do dicionário para a localização das palavras pertinentes. Por essa razão, o *corpus* ficou mais extenso do que o previsto, porém foi de grande relevância para conhecer melhor os dados. Esses foram organizados em planilhas, utilizando de recursos do software *Excel* para o estudo comparativo.

Os procedimentos de análise dos dados foram os seguintes. Após a coleta de dados, organizando-os em três planilhas distintas. Na primeira, colocamos as palavras que apresentavam variação lexical (ou seja, não eram cognatas); na segunda, colocamos as palavras com variação fonética (palavras cognatas que variam na sua pronúncia); na terceira planilha, colocamos apenas palavras que não apresentavam variação fonética ou lexical (palavras cognatas e sem variantes fonéticos notáveis). Ao final, ficaram cerca de 312 palavras na planilha de variação fonética, 145 na variação lexical e 285 sem variação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentamos algumas análises parciais dos resultados que obtivemos mediante o estudo contrastivo dos dados, pois verificamos que a quantidade de dados levantados permite outros trabalhos, mas, por ora, serviu para uma análise mais fina. Desse

modo, as discussões que seguem são apenas alguns resultados dos que foram encontrados sobre variação lexical e fonética entre os dialetos Norte, Central e Sul.

4.1 ANÁLISE LEXICAL

Na primeira fase deste trabalho, utilizamos dados da pesquisa do Instituto Socioambiental (ISA) de 2019, aproveitando a glosa e as indicações que eles fizeram em seu estudo. Dessa forma, coletamos dezessete palavras, que estavam organizadas, no trabalho, por meio de mapas, indicando a distribuição de algumas raízes lexicais na Terra Yanomami. Assim, reunimos apenas as de língua Ninam, que são: Jacaré, Carapanã, Paraquê, Rato, Caju, Veado-roxo, Pimenta, Banana, Aljava, Canoa, Tamanduá-bandeira, Miçanga, Mutum, Veado-mateiro, Jacu, Jacamim e Caranguejo. Conforme apresenta no Quadro 1.

Quadro 1- Lista de palavras da língua Ninam, com o contraste comparativo dos três dialetos

ID	Glosa Port.	Ninam Norte	Ninam Central	Ninam Sul
1	Jacaré	Weri	Weri	Weri
2	Carapanã	Pontoma	Pontoma	Kāya
3	Paraquê	Mōrō tho tho	Mōrō tho tho	Kawahi
4	Rato	Thoropo	Thoropo	Paho
5	Caju	Oro xi	Oro xi	Purfume
6	Veado-roxo	Haya mosi	Haya mosi	Aya mosi
7	Pimenta	Hāmik	Hāmik	Pāki
8	Banana	Koraha	Koraha	Koraha
9	Aljava	Wana	Wana	Wana
10	Canoa	Kanao a	Kanao a	Kanao a
11	Tamanduá-bandeira	Têpê	Têpê	Rêpê
12	Miçanga	Xithaku	Xithaku	Oha kiki
13	Mutum	Paari	Paari	Paari
14	Veado-mateiro	Haya	Haya	Haya
15	Jacu	Kurema	Kurema	Kurema

16	Jacamim	Yapi hi	Yapi hi	Yapi hi
17	Caranguejo	Oko	Oko	Oko

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Como se observa no Quadro 1, a variação lexical ocorre em alguns vocabulários, como: Carapanã, Poraquê, Miçanga, Caju e Rato apenas no dialeto sul, ou seja, o dialeto norte e central permanecem cognatos. Em relação a variação fonética, observamos três ocorrências, nas palavras: Veado-roxo, Pimenta e Tamanduá-bandeira. Elevamos em consideração, também, o tipo de vocabulário e o campo semântico, onde se percebe que ocorre mais variação no tipo de vocabulário cultural e no aspecto semântico de Fauna/Flora.

Nesse sentido, para entender melhor esses eventos entre o tipo de vocabulário e o campo semântico, na segunda fase, vimos a necessidade de construir um *corpus* maior para verificar os resultados observados. Usando a glosa do dicionário Ninam, de Ernesto Migliazza, selecionamos 742 palavras que pertencem aos tipos semânticos de vocabulário básico e vocabulário cultural⁴:

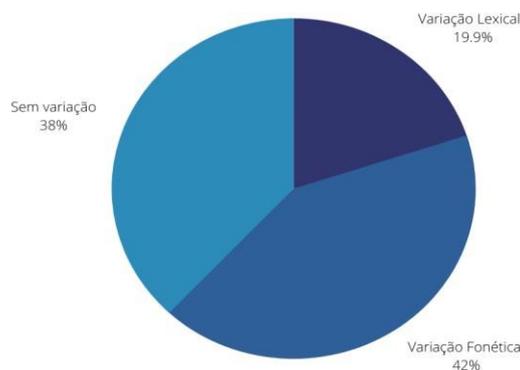
393 - Vocabulário básico

349 - Vocabulário cultural.

A análise de todas essas palavras permitiu-nos chegar aos seguintes resultados globais:

Gráfico 1- Taxa de Cognatos e Variação lexical entre dialetos da Língua Ninam

4 Essa divisão segue os princípios do que Morris Swadesh denominou de vocabulário básico, que, segundo ele, refere-se às palavras ditas “universais”, ou seja, um tipo de vocabulário que teria menor propensão de variação entre as culturas humanas, como, por exemplo: partes do corpo, parentesco, fenômenos da natureza e elementos da paisagem.

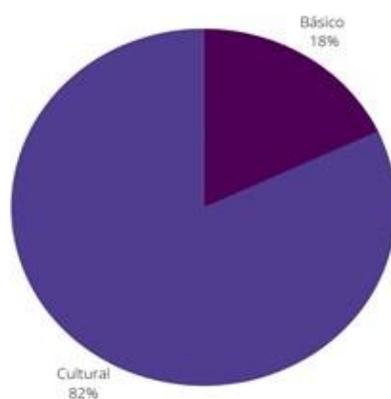


Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

Foram encontrados 145 casos de variação lexical entre os dialetos Norte e Sul, somando no total 80% de palavras cognatas e 20% de não-cognatas.

Para se testar como a variação lexical poderia estar condicionada pelo tipo semântico de um vocábulo, analisamos o tipo semântico de cada palavra, classificando-as em: vocabulário básico (26 palavras) e cultural (129). Como vimos no primeiro *corpus*, a maior taxa de variação lexical acontece em vocabulário cultural (ver gráfico 2), com uma proporção de 82% do total de variantes lexicais. Já o vocabulário básico corresponde a apenas 18 % de todas as variantes lexicais.

Gráfico 2- Taxa de Variação lexical no tipo de vocabulário

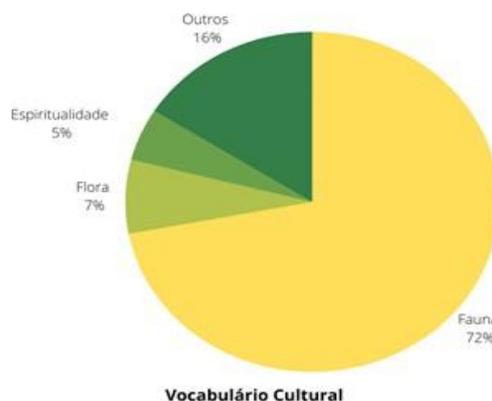


Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

Para testar se haveria algum domínio semântico mais específico que estaria condicionando uma maior variação dentro dos tipos de vocabulário básico e cultural, fizemos ainda uma outra classificação em campos semânticos. No que tange, a variação lexical no

campo semântico do vocabulário cultural, percebeu-se um número alto para itens culturais sobre a Fauna, isto é, de 119 palavras 86 são no campo da Fauna, 8 Flora, 6 Espiritualidade e 16 que denominamos outros, pois estão divididos em campos semântico de objetos e alimentos. Conforme o gráfico 3.

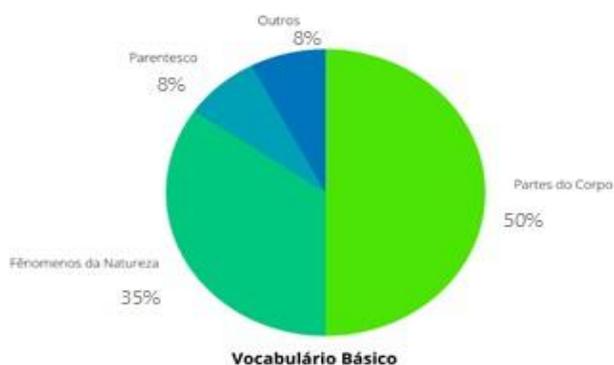
Gráfico 3- Taxa de Variação lexical no campo semântico



Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

Para o vocabulário básico, existe uma maior variação em palavras de partes do corpo e fenômenos da natureza. De 26 palavras 13 são variações de partes do corpo, as outras ficaram separadas em: 9 em fenômenos da natureza, 2 parentesco e 2 outros (Fenômenos físico e Cor), como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 3- Taxa de Variação lexical no campo semântico de vocabulário básico



Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

O quadro a seguir mostra alguns exemplos de variantes lexicais para partes do corpo:

Quadro 2- Lista de palavras no campo semântico: partes do corpo

Glosa Port.	Glosa Inglês	Ninam do Norte	Ninam do Sul
Lóbulo da orelha	Ear Lobe	ëmtaxi	Yũmuk
Costela	Rib	hãkami	Pokthek
Cabelo	Hair	hĩthakë	Xinak

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

4.2 LÉXICO-ESTATÍSTICA E VOCABULÁRIO BÁSICO

Sabendo que no corpus total encontramos 393 palavras pertencentes ao vocabulário básico, e dessas encontramos 26 variantes lexicais, logo temos uma proporção de 6% de variação ou divergência entre o Ninam do Norte e do Sul no vocabulário básico. De acordo com o esquema filogenético de Swadesh (1955), para que duas variedades sejam dialetos de uma mesma língua o percentual de palavras cognatas pertencentes ao vocabulário básico precisa ser de 81 % ou mais.

Ainda que não usamos a lista de Swadesh diretamente, a proporção de 6% de divergência ou 94% de cognatos compartilhados pelos dialetos Ninam do Norte e do Sul mostra que essas variedades estão bem acima do limite mínimo estabelecido por Swadesh para a identificação de línguas distintas. Assim, conclui-se que o presente estudo corrobora a análise de que a variedade Ninam do Uraricaá e do Mucajá são dialetos de uma mesma língua.

Portanto, a noção de que o vocabulário básico é menos suscetível a mudanças linguísticas foi um problema que encontramos nos dados, pois não é simples definir o que seria uma lista de palavras básicas de cada idioma. Para exemplificar, em relação às palavras cognatas do *corpus*, 53% são de vocabulário básico, conforme Swadesh (1955), e 47 % cultural, isto é, praticamente dividido em 50% para um e 50% para outro.

4.3 ANÁLISE FONÉTICA

Para analisar os resultados e montar um quadro comparativo entre os sons consonantais e vocálicos entre dialetos Ninam, consultou-se a tabela de fones de Ferreira (2011). Desse modo, a variante norte possui treze fones consonantais: [p], [t], [th], [k], [m], [n], [s], [h], [x], [tx], [r], [w] e [w], conforme apresenta a Figura 3.

Figura 3- Consoantes Ninam (Variante Norte)

	Bilabial	Alveolar	Alveo-palatal	Velar	Glotal
Oclusivas surdas aspiradas	p	t	th (escrito th)	k	
Nasais sonoras	m	n			
Fricativas surdas planas côncavas		s	ʃ (escrito x)		h
Africativa surda			tʃ (escrito tx)		
Vibrante central sonora		r			
Semiconsoante sonora	w (labiovelar)			w	

Fonte: Ferreira (2011)

E cerca de seis fones vocálicos: [i], [e], [a], [o], [ɨ] e [ə], como indica a figura a seguir:

Figura 4 – Vogais Ninam (Variante Norte)

	Anterior	Central	Posterior
	não-arred.	não-arred.	arredondada
Alta fechada	i	ɨ	
Média	e	ə (escrito ě)	o
Baixa aberta		a	

Fonte: Ferreira (2011)

No que se refere a variante dialetal sul, são, também, treze fones: [p], [t], [th], [k], [m], [n], [s], [x], [h], [l], [w], [y] e [w]; e seis fones vocálicos: [i], [e], [ə], [a], [u] e [o] conforme as figuras abaixo:

Figura 5 – Consoantes Ninam (Variante Sul)

	Bilabial	Alveolar	Alveo- palatal/ palatal	Velar	Glotal
Oclusivas surdas aspiradas	p	t	t ^h	k	
Nasais sonoras	m	n			
Fricativas surdas planas côncavas		s		f (escrito x)	h
Lateral sonora		l			
Semiconsoante sonora	w (labiovelar)			j (escrito y) w	

Fonte: Ferreira (2011)

Figura 6 – Vogais Ninam (Variante Sul)

	Anterior	Central	Posterior
	não-arred.	não-arred.	arredondada
Alta fechada	i		u
Média	e	ə (escrito è)	o
Baixa aberta		a	

Fonte: Ferreira (2011)

Partindo para a análise comparativa, um dado interessante sobre o inventário consonantal dos dialetos Ninam é a variação entre os fones [r] e [l], em outros termos, no dialeto norte a alveolar é vibrante simples sonora (tap) e, no sul, lateral sonora. Como exemplifica o quadro abaixo:

Quadro 3- lista de palavras com variação entre os fones [r] e [l]

Glosa Port.	Glosa Inglês	Ninam do Norte	Ninam do Sul
Boto	fresh water Dolphin	araxari	Alaxali
Galinha	Chicken	karaka	Kalaka

Moeda	Coin	pirata	Pilata
Areia	Sand	rãkakë	Lãkaka

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

Outra variação que encontramos foi entre os fones [p] e [b]:

1) Bala de rifle (Port):

Para (NN) ---- Bala (NS)

2) Rapaz (Port):

hapai (NN) ---- habai (NS)

Percebe-se que a variação do Ninam do sul ficou mais próxima da forma em português, isso indica que o vocabulário pode ter vindo de um empréstimo linguístico, melhor dizendo, do Português para a língua Ninam. A análise de empréstimos é uma forma produtiva de se encontrar variação fonética entre os dialetos. Verificamos, por exemplo, que no item “Avião” observa-se uma variação entre os fones [h] (glotal surda) e [p] (bilabial surda), conforme o quadro 4. Atribui-se isso a separação dessas populações falantes de ninam, ou seja, os itens lexicais de empréstimos apresentam tal variação por terem sido incorporados quando as populações falantes tanto do dialeto norte quanto do sul já viviam separadas.

Quadro 4- Lista de palavras adquiridas por meio de empréstimo linguístico

Glosa Port.	Glosa Inglês	Ninam do Norte	Ninam do Sul
Avião	Airplane	ãhion	Ãpiao
Açúcar	Sugar	asokar	Asuka
Escola	School	esikora	Eskora
Cavalo	Horse	kaware	Kavalo

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

O vocabulário escola além de ser um empréstimo linguístico nota-se uma variação silábica. Em ninam do norte temos V e no dialeto sul VC. Segundo Ferreira (2011), a estrutura da sílaba da língua ninam é CV (he.we.si= morcego), logo, é o mais comum. Porém, há casos

de CVC (wa.kën.xĩ= luz), V (po.a.kë= terçado) e VC (aom= Anambé), como vimos no exemplo acima. Outras estruturas menos comuns são os encontros consonantais, com nos exemplos a seguir:

3) Sol (Port):

Prem-xĩ (NN)---- polemi-xĩ (NS)

4) Capim (Port.):

kapraxikë (NN)----kapelixak (NS)

Observa-se que o ninam do norte teve a variação silábica CCV enquanto o sul não, em outras palavras, permaneceu em CV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito inicial deste trabalho foi conhecer melhor as diferenças e afinidades linguísticas entre os dialetos da língua Ninam, numa perspectiva histórico-comparativa, com o intuito de conhecer as ocorrências linguísticas com a relação sociocultural, ou sócio-histórica dos Ninam, e também de todos os Yanomami. O ponto de partida foram os dados coletados, mas também o estudo teórico de documentos, pesquisas anteriores, conversas, estudos etnográficos, tudo isso construiu a intenção de elucidar um pouco mais sobre a vida e língua desse povo.

Nesse sentido, o trabalho realizou um papel educativo, movimentando a proposta de uma educação linguística, que vai além do ensino da gramática normativa, como expõe FARACO (2002). O ensino precisa ser diversificado, pois como Rodrigues (2013) nos ensina, o Brasil não é um país monolíngue, existem mais de 200 línguas mas só é ensinado português. Nesse sentido, o estudo pretendeu contribuir com essas lacunas, visto que ainda é pouco o número de interessados, além é claro, do processo de desvalorização da cultura e das línguas indígenas. A linguística indígena possibilita uma visão mais ampla da relação entre língua e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERT, B. Yanomami. **Povos Indígenas no Brasil**. 1999. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami> . Acesso em: 05 de Maio de 2021.

CHACON, T. C. **Relatório de pesquisa de campo entre os Uruak (Arutani) e Ninam (Xiriana)**. Universidade de Brasília, 2017.

FARACO, C. A. **Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002. p. 37-61.

FERREIRA, H. P. (Coord.). **Relatório Perfil Tipológico de Língua**. 2011. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/ninam/lingua>. Acesso em: 05 de Maio de 2021.

FERREIRA, H. P.; MACHADO, A. M. A; SENRA, E. B. (org.). **As Línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental; Boa Vista: Hutukara Associação Yanomami (HAY), 2019.

LEITE, T.V. S. **Ninam (Yanomami) e Missionários Cristãos no Alto Mucajaí (RR): modos de alteração**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. **A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, v.8, n.2, p. 187-195, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/19521/18058>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

SOMAIN, R. Uma Geografia dos Yanomami. **Confins**. 27 de mar. de 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7010?lang=pt>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

